

O RAPAZ E O ROBÔ

João saiu da escola furioso. Mais uma negativa a matemática! Ia ficar de castigo e, ainda por cima, cortavam-lhe na semanada.

- **Para que serve a matemática?** – interrogava-se ele. – Os cães, os gatos, os elefantes vivem sem fazer contas. Antes de inventarem a escolaridade obrigatória a humanidade era feliz sem essa tortura. Pior que a matemática, só as injeções e a tia Engrácia.

Deu um pontapé numa pedra e logo, por azar, traz!, a maldita foi acertar no vidro da droguaria. Plim ... plim ... plim ... desfez-se em cacós.

João largou a correr. Atrás dele, o droguista, atrás, os colegas a rir, numa chacota.

- Que pontaria!

- Não acertas nas contas mas acertas nas montras.

- Vais ser convidado para a seleção de futebol. Este foi o melhor golo do campeonato.

Fingindo não os ouvir, o rapaz esgueirou-se, saltou para um autocarro, sem saber o destino que levava.

Aos balanços, sacudido para aqui e para além, via passar casas e ruas desconhecidas. Perdido por cem, perdido por mil. Havia de ir até ao fim da carreira. Voltar para casa para quê? Para apanhar um raspanete?

Era meia noite quando o autocarro parou finalmente junto a um largo triste. Apeou-se. Não sabia onde estava. Foi vagueando ao acaso, por entre prédios arruinados, até um jardim onde meia dúzia de árvores erguiam os ramos para o céu como fantasmas reformados. Doía-lhe a cabeça e tinha a barriga a dar horas. Sentou-se num banco, pousou a mochila ao lado. Não havia ali viva alma. Mas no banco em frente estava uma pasta de crocodilo.

Sempre fora curioso. Deu dois passos, carregou no fecho dourado e que viu ele? Milhares e milhares de notas de dez mil. Procurou um nome, uma morada. Absolutamente nada.

Olhou mais uma vez em volta. Ninguém. Então atirou fora com cadernos e livros e atulhou a mochila com aquela inesperada fortuna.

Não sabia quanto dinheiro tinha. Mas era milionário pela certa.

A cabeça quase lhe andava à roda de fome e entusiasmo. Podia comprar uma quinta, um carro, um cavalo, tudo o que desejasse. Só não se podia livrar da matemática. Até aos catorze anos era forçado a ir à escola.

E ainda dizem que há liberdade!

Quando chegou a casa (...)

*Texto do livro "O RAPAZ E O ROBÔ", de Luisa Ducla Soares. Edições Terramar.
Existe na Biblioteca da Escola Básica de Mafra para requisição.*

Nome do professor que leu o texto	Turma	Data da leitura